

IZABEL CLESSE (*)

III

Não sei o nome d'algum dos poetas que deploraram o tragico fim de Izabel. As poesias manuscriptas sei eu que foram enviadas desde o mosteiro de S. Bento de Lisboa ao de Tibaens, no Minho. Quem me diz a mim que os beneditinos, visinhos da peregrina Isabel, a tinham contemplado com perdoavel extase e a cantaram depois com intranhada commiseração? E tambem pode ser que o meu manuscripto seja copia d'alguns papeis impressos occasionalmente. Já me não hei de affligir, portanto, se algum archivista de curiosa folhetaria me arguir de editor de ineditos impressos ha setenta e nove annos. Como quer que seja, eu nunca os vi nem os meus amigos bibliophilos. Estou em crer que, tirante os frades, ninguem ouviu este prestito das tagides lagrimosas de-
poz a formosa padecente.

Segue uma

ODE

Jaz na dura prisão encarcerada
Beliza sem ventura, aquelle assombro
De mais rara belleza, a quem mil almas
Rendeu seu bello rosto!

Geme infeliz exposta ás crueis iras
Do vil consorte, expellido abórto
Das furias infernaes, fera indomavel,
Marabuto bizonho!

Prostrado aos duros pés da crueldade,
Em lagrimas banhado o bello rosto,
Beliza sem ventura supplicava
A compaixão do esposo.

Qual indemito tigre na fereza
Seus ternissimos ais repelle e affronta.
Em vão, em vão se cança excitar n'elle
Na desgraça conforto.

Em vão, em vão se cançam seus suspiros
A' compaixão mover um bruto tronco
E nas cruentas mãos da parca dura
Commover-lhe as intranhas.

As divindades da celeste esphera,
Com vozes lastimosas, gritos d'alma,
Para soffrer com animo, implorava,
O golpe rigoroso.

O preparado laço vê pendente
Nas crimonosas mãos do sanguinario
Barbaro verdugo; nada teme
O seu valor heroico.

Nada teme! Que os tenros, lindos braços,
Ternissimas prisões do esposo infame,
Em asperas cadeias algemados
Não lhe causam assombro.

Ao poderoso Deus prostrada em terra
Seu auxilio implorava, e com piedosos
Ternos suspiros mil perdões pedia
Ao consternado povo.

Vai, Beliza infeliz. vai, vai, e entrega
Com varonil espirito animoso
A's crueis mãos da implacavel morte
O mimoso pescoço.

Nota. Pode affoitamente decidir-se que tal ode não ousaria ver a luz da estampa. Desculpa-se a obcecção das paixões em quanto a moral publica não é ultrajada. O poeta insulta descabelladamente o sr. Goilão, chamando-lhe: «vil, aborto das furias infernaes, fera, Marabuto, tigre, tronco bruto, infame.» Isto é de mais, e não ha liberdade horaciana que desculpe tamanha saraivada de injurias sobre um marido que esteve no gume de se perder. E, se elle morre da mezinha, lá se perdia tambem o lanço de exemplo e escarmento a mulheres que não escolhem o logar por onde filtrem a morte ao intimo dos maridos. Reprovo e condemno a compaixão que se demasia em objurgatorias de tal porte. Este é o meu parecer.

O seguinte poeta é mais cordato. Chora sem offender ninguem. Exercita a bem intendida liberdade da lagrima. Intitula-se a nenia

*Affronta vendicada, castigo merecido,
sentimentos da natureza, na
morte de Isabel Clesse em
30 de março de 1772.*

OITAVAS

Infeliz Isabel, sai! que receias?
Receias que te vejam, por ventura,
Revestida de culpas torpes, feias
Que te vão conduzindo á sepultura?
Transmutadas as galas em cadeias,
Sem alinho, sem garbo a formosura,
Desgraçada no mundo te ponderas...
Porem, se has de morrer... que mais esperas?

Ah! que funesta vista! que horroroso
Methamorphose! que pungente aspecto!
Que tremendo apparatus lastimoso
Observa o coração com terno affecto!
Ai! todo o racional é pezaroso,
Todo peito estremece e bate inquieto...
Sem vozes, com soluço e amargo pranto
O mundo te contempla, ó morto incanto!

O' misera Isabel! Quem te dissera
Que na flor dos teus annos haveria
Quem tirasse da verde primavera
A graça que alegrava o mesmo dia!
Quem pensára que a luz que reverbera,
Tão breve, tão sem tempo acabaria!
Que as flores tu verias fenecidas,
E as estrellas do rosto escurecidas!

E's aquella que tinhas de fornosa
Os meritos felizes? E' verdade!..
Aquella que, qual Venus fabulosa,
Querias te chamassem divindade?
Aquella que, no mundo mais ditosa,
Disfructavas a louca liberdade?
Eis que tudo se acaba em tanta lida!
Ai! que perdes a luz, vais-te a vida!

Esses louros cabellos que de raios
Poderiam servir ao sol brilhante
Descompostos os vejo com ensaios

(* Continuação do n.º 7.
NUMERO 8

De servirem de crepe ao teu semblante!
Essa cor purpurina com desmaios
Bem mostra que a belleza é inconstante,
Pois aqui de manhã com luzes arde,
Em cinzas se resolve pela tarde.

Esses olhos com prantos perturbados
D'onde frechava setas o amor louco,
Para a terra os inclinas quebrantados,
Quando d'ella te apartas pouco a pouco.
Em lagrimas os vejo marejados...
Ai! misera! por ti os ceus invoco!
Acudi-lhe, meu Deus, que ella é tão bella!
Não tendes anjos mais formosos que ella! (1)

Essas faces, que á purpura da rosa
Emulações faziam, murchas vejo,
A cor que n'ellas vi já tão formosa
Até de se mostrar hoje tem pejo.
Acabou-se essa graça primorosa;
Nem de ser o que foi já tem desejo.
Vai, não chores... sobe á forca e morre!
Chora o mundo por ti... não te soccorre!

Este poeta, se tinha coração sensível, também respeitava o livro V das Ordenações. Assim é que eu folgo de ver a justiça equilibrada com a ternura; aliás, a poesia volve-se ruína da sociedade.

Outro poeta de ingenho methaphorico fez o seguinte soneto:

*A' infausta morte de Isabel Clesse
que morreu inforcada por querer
matar a seu marido.*

Infausta galeota impavezada
Nos procelosos mares da vaidade,
Como não preveniste a tempestade
Para evitares ser sossobrada?

Se buscavas a terra desejada
Para que com fatal temeridade
Desprezas do *Piloto* (2) a sociedade
Para dares á costa destroçada?

Arvoraste *Bandeira* (3) sem cautela
Soccorros esperando; mas foi erro,
Pois sem leme te vês, desfeita a vela.

N'essas rochas terás um triste interro,
Quando vês que no mal que te atropela
As cordas só lhe ficam, e falta o ferro.

O mais sentimental dos poetas é um que figura a condemnada a despedir-se do marido. A idea corre parelhas com o estylo:

Adeus, querido esposo! adeus, consorte,
Vou a cumprir meu fado e teu desejo.
Vou coberta de horror, cheia de pejo;
Caminho com o algoz já para a morte.

Nem eu nem tu julgamos esta sorte!
Se eu pensei de me ver como me vejo!
Mas foi destino, e tal que eu só desejo
O valor de o soffrer com alma forte.

(1) E' incrível que os dois ultimos versos d'esta oitava sejam do mesmo poeta.

(2) O marido.

(3) O amante.

Perdôa minhas iras indecentes (1)
Que eu perdoo-te os odios depravados;
Em nada nos mostremos differentes.

Pois sabe que ambos fomos ajudados; (2)
Eu, na morte, por vida de innocentes
Tu, na vida, por morte de culpados.

Outro poema de que não posso trasladar os quartetos por nimiamente soltos. O poeta manda parar um passageiro quando a padecente vai caminho da forca. Contalhe o crime d'ella e prosegue:

Vê aquella que em mimos da ventura
Sempre foi de formosa celebrada!
Que abysmos abre o mundo á formosura!

Nos braços d'um verdugo desmaiada,
Vai... aonde? resvalar á sepultura...
Já não tens mais que ver... Segue a jornada.

Outro soneto de inferior merecimento conta os ultimos instante de Isabel.

Do delicto que fez já penitente
Para a morte Isabel seus passos guia.
Tão valente na morte, parecia
Que os combates da angustia já não ente.

Seu rosto inda gentil ao ceo clemente
Levanta, e sem chorar perdão pedia;
Dos brados com que a voz ao ceu subia
Esse azul pavilhão seus eccos sente.

Já soluça, suspira, geme e chora;
Mas em quanto o verdugo o laço tece
Para o esposo perdão ao ceu implora.

Eis seus olhos se fecham... innumdece;
Sua alma sobe a ver o Deus que adora,
Seu corpo a sepultar-se á terra desce.

Um poeta christão imaginou assim a suppliciada a despedir-se do mundo:

Adeus, povo! adeus, mundo! adeus, memoria
D'um caduco prazer! adeus, cuidados
D'esses gostos horribeis já passados,
D'esta vida mortal e transitoria!

Hoje alcanço de vós maior victoria
Por juisos de Deus bem ordenados;
Apagando na affronta os meus peccados
Terriveis obstaculos d'uma gloria.

Contente a morrer vou sem que turvada
Essa pena me deixe amarga e dura,
Pois è-me a forca para o ceo escada.

E, se perdão da culpa me assegura,
Considere-me o mundo desgraçada,
Que eu, na mesma desgraça, acho a ventura.

Por ultimo, está aqui outro poeta que nos conta coisas acontecidas depois do supplicio de Isabel Clesse, sendo a mais notavel ter-se vestido o ceo de lucto, como melhor consta do soneto:

Da Parca o golpe, e de Astreia a espada
Contra ti, pobre dama, se conspiram!

(1) *Indecentes* é um adjectivo muito apropriado.

(2) Verdadeiramente *ajudado* foi só elle.

Teus olhos que com astros competiram
Deslumbra-os sorte negra e desastrada.

Foi, emfim, a sua morte a mais chorada,
De quantas até aqui idades viram;
Os mesmos ceos de lucto se vestiram;
E de prantos a terra foi banhada.

Chora Venus, lamenta-se Cupido
De assim ver ultrajada a formosura
Com tão funebre horror, fim desluido.

Cesse, porém, dos prantos a ternura;
Por que tendo Isabel aos céos subido
Troca em sorte feliz a desventura.

N'esta falange de bardos ha uns máos e outros tolos. Dos segundos o commando da esquadra pertence juridicamente ao que viu toldar-se o ceo e lamentar-se Cupido.

CONCLUSÃO

O leitor tem de me agradecer os incansaveis esforços que malbaratei a pesquisar o destino que tiveram Januario Rebello e Thomaz Luiz Goilão. Uma nota marginal da collecção dos poemas diz: *O porta-bandeira desterrou-se em Hespanha e morreu lá de paixão, quando soube que Isabel jora inforcada*. Se a san moral consente que se proponha voto de louvor a criminosos de tal raça, affoito-me, a pedir que, pelo menos se lhe perdôe á memoria, em attenção das agonias que o estrangularam fulminantemente. Os homens perdidos para a vergonha e para a dor purificante não costumam assim morrer.

Pelo que toca ao sr. Thomaz Luiz Goilão, isso é que me deu canceira, cuja narrativa pelo miudo tornaria o leitor meu parceiro no infortunio.

Perdidas muitas noutes em investigações a quem e alem mar, fui descortinar o piloto em Goa casado em segundas nupcias com uma indiana de idade muito florente, e sangue aquecido desde a infancia ao sol de lá. A goêza aceitara as propostas de casamento sabendo tão somente do noivo que elle se transferira com grandes cabedaes de Portugal a Goa. O caso da dama inforcada ou era ainda ignorado ou os que o sabiam o não divulgaram a pedido d'elle. O publico e notorio é que a segunda consorte do sr. Goilão procedia de tal feitio que bem se deixa ver que não conhecia os figados do marido. Porém, como quer que um alferes do presidio, ido de Portugal, reconhecesse o piloto ao mesmo tempo que lhe tramava novos dissabores da natureza dos antigos, poz de sobre aviso a senhora Goilão, pedindo-lhe inacidamente que não consentisse em casa seringa, nem mandasse á botica formularios de mesinhas, sob pena de espertar suspeitas e sustos no marido. Dadas explicações, a esposa horrorisada quiz fugir ao marido que se lhe figurava, sobre carrasco, ridiculo e nojento.

Thomaz Luiz, desconfiado da honestidade da consorte, e do intento de separar-se, deu-lhe uma de mão de pau e afusilou dos olhos coriscos de furia tal que a mulher concebeu e gisou traças de inviuvar antes que elle a fulminasse. Andava ella amartellada n'estas cogitações,

quando o marido incendiado de amor e odio se rassicou todo internamente e adoeceu de febres terçans, com intercadencia de delirios. N'uma d'estas crises, um cirurgião receiptou-lhe uma mezinha, e prestou-se a ministrarlh'a por caridade, indo elle pessoalmente buscar a cristeleira. Quando voltou, o delirante já tinha recobrado a rasão e intendimento para perceber que o cirurgião entrara empunhando o fatal instrumento. O horror que o traspasou foi tal e tamanho que saltou do leito em gritos e correu sobre a mulher com os punhos fechados. A sr.^a Goilão desatou a fugir, e o phisico rebateu-lhe as arremettidas pondo-lhe ao peito o bico da seringa.

N'este lance, Thomaz Luiz cahiu de cocoras, perdido o alento; e logo abrasado de febre prorompeu em clamores, apertando o ventre dizia que tinha agua forte no bucho, e ameaçava a mulher com a forca.

Não sei explicar o fenomeno. Narro com a simplicidade de historiador, deixando aos sabios a dilucidiação das cousas que o districto da minha apoucada sciencia não abrange. O certo é que Thomaz Luiz Goilão durou seis dias a berrar que tinha agua forte nas tripas, e expirou sacudindo vertiginosamente umas seringas imaginarias que lhe esvoaçavam sobre a cabeça.

Mas que trabalho tive para saber isto!

Ninguém m'o agradece.

C. CASTELLO-BRANCO.

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 7.)

VII

Remorsos

Seriam trez horas da tarde quando terminou a cerimonia.

D. Antonia, vestida de gala, recebeu nos braços a filha que se deixou apertar n'elles com a insensibilidade do cadaver.

As pessoas que deviam assistir ao jantar rodeavam o feliz visconde felicitando-o com exclamações ruidosas. No meio d'elles, Raphael, tristemente encostado ao rebordo de marmore do fogão, contemplava Regina, lançando um penetrante olhar sobre a irman. Eugenia comprehendeu aquella muda lingoagem, e corou baixando os olhos e suspirando. Na outra extremidade da sala, Anselmo da Costa escutava com attenciosa deferencia o smr. Justino Cezar d'Alvim, amigo intimo do visconde.

—Não conheço riqueza tão invejavel como a sua, meu querido sr. Costa, dizia este. Suas filhas são um thesoiro!

—Na verdade, o visconde é muito feliz! Na idade em

que elle está hoje, é raro encontrarem-se anjos, que saibam apreciar os dotes naturaes da creatura. A alegria d'este dia tem-me remoçado o coração; quase me sinto rapaz tambem; e, se não fosse uma imprudencia...—Calou-se de subito e continuou depois de breve pausa—perguntar-lhe-hia se ja destinou a alguém a mão de sua filha mais velha.

—Imprudencia, não,—balbuciou Anselmo—eu tomo isso como uma prova delicadissima do interesse que a minha familia deve a v. exc.^a

—E deve tomal-o, meu amigo,—respondeu o outro—Preso-a sinceramente. Acostumado a viver so, cansava-me o tedio da existencia, até que n'estes oito dias que aqui tenho passado a rogo do visconde, rasgaram-se de repente não sei que novos horisontes, e o caso é que me sinto um pouco mudado! A soledade na vida é bem triste!...

Anselmo da Costa começava a perceber. Alvim era immensamente rico. O coração pulou-lhe no seio, e foi com voz tremula, que respondeu:

—Soledade que pode findar d'um momento para outro. Não está v. exc.^a na posição de escolher onde quizer, uma esposa amavel e virtuosa que aprecie as excellentes qualidades da sua alma?

—Ai! se assim fosse!—accudiu Alvim com presteza.

—Não sei porque duvida!..—tornou Anselmo encalhendo os hombros. Mas, vamos—continuou—minha mulher impacienta-se: creio que são horas de irmos para a meza.

O jantar, apezar d'um ou outro dito com pretenções a espirito lançado atravez da meza, correu triste. Regina, sentada á esquerda do pai, nem fallava, nem comia. Paralisada pela dor, olhava, sem ver nem ouvir o que se passava em redor d'ella. O seu estado começava a causar estranheza aos convivas, e ao proprio visconde que affectava não perceber o que ia no animo de todos.

Terminado o festim que chegou até á noite, passaram da meza á sala, onde ja estava servido o caffè. Logo depois, por um accordo tacito, os hospedes despediram-se.

Ficando sos, D. Antonia sentou-se no sophá entre a filha e o genro, e disse para este com os olhos vidrados de pranto:

—Sr. visconde, entrego-lhe a minha filha. V. exc.^a conhece-a de pequenina, sabe com quanto extremo foi criada, e que santa ambição é a minha e de seu pai. Espero que v. exc.^a hade ser para ella um bom amigo, tolerante mesmo, sendo preciso, para com certas creancias, proprias da idade.

—Minha mãe e senhora—respondeu o visconde beijando-lhe a mão—esteja certa de que se não engana comigo.

N'este momento, e como n'um soluço, Anselmo da Costa fora de si, bradou:

—Minha filha! minha filha!

A este grito, Regina accordou como d'um sonho. Correu para elle, lançou-lhe os braços ao pescoço e disse-lhe baixinho com o ar da demencia:

—Salve-me, meu pai! salve-me d'aquelle homem!

—E' tarde: é tarde—murmurou Anselmo com voz soturna—E sou eu que te sacrifiquei, anjo!

Um suor frio inundou-lhe o rosto, perdeu a côr e cahiu desfallecido sobre uma cadeira. N'aquella hora, a mão de Deus pezava-lhe no coração, e uma voz occulta bradava-lhe: «és mau pai, desgraçado!»

Rodearam-no; borrifaram-lhe o rosto com agoa, e esperaram que passasse aquelle vágado produzido pela dor da separação.

As faculdades de Regina exagitadas até ahí serenaram como por encanto. Compreendeu aquella agonia, e achou-se forte, ella, a victima, para confortar o auctor de sua desgraça!

Acercou-se de Anselmo afastando os outros, ajoelhou a seus pés, e disse-lhe ao ouvido:

—Coragem! meu querido pai! coragem. O mal está feito, ja não tem remedio. Agora, resignação, e esperança em Deus!

—Perdoas-me, filha? perdoas-me?—dizia elle beijando-a na testa e apertando-a ao peito convulsivamente.

—Faço mais, meu querido pai, por si, so por si, venceréi o destino. Quero, e heide ser feliz!

—Abençoada sejas! murmurou entre lagrimas Anselmo, enquanto o visconde e a esposa procuravam com palavras consolal-o da perda da filha.

Retiraram-se os noivos.

Ao outro dia foram os pais jantar com elles na sua sumptuosa habitação. Regina cumprira a sua palavra. Se em seus labios não demorava o sorriso, a sua fronte pallida estava serena. Um observador perspicaz poderia comtudo notar ás vezes uma contracção dolorosa tomar-lhe as feições; era porem tão rapida a transformação que de poucos olhos seria apercebida.

Anselmo da Costa ainda mais uma vez se enganou. Eugenia foi a unica que não acreditou nas apparencias. Quando se appresentou ensejo favoravel retiraram-se as duas irmans a um quarto affastado e so então pôde Regina desabafar.

—Escuta—disse ella por fim—Tenho um segredo a confiar-te, Eugenia, ou dois são elles. O primeiro toca-te de perto e a Raphael. E' que, se não reagires com todas as forças da tua alma, serás em breve tão desgraçada como eu sou.

—Que dizes?!—bradou a menina assustada.

—A verdade—respondeu a outra—Sei pelo visconde que vaes ser pedida em casamento por Justino d'Alvim.

—Eu!—murmurou ella impallidecendo.

—Tu, sim minha querida irman; e ja sabes pelo triste exemplo que tens diante dos olhos, que apezar de tudo, serás sacrificada. Aviso-te para que combines com Raphael o meio de apressar a vossa união.

—Como?—tornou Eugenia com desespero—O pai teima em não nos deixar casar enquanto Raphael não representar na firma commercial de sua casa, e o pai deste, teima tambem que so lh'a concederá quando elle tiver com-

pletado 26 annos. Que havemos nós de fazer?—perguntou ella soluçando?

—Não sei, Eugenia, não sei. — Respondeu Regina. O que te digo, é que prefiras tudo; tudo ouve bem, mesmo a miseria ao horror d'uma vida igual á minha!... Vamos ao segundo ponto —proseguiu ella esforçando-se para fallar com apparente serenidade— Que sabes de Salvador? Como está elle? Realidade ou halucinação de meu espirito cuidei hontem conhecer-lhe a voz a'um gemido proferido por de traz do altar onde me forçaram a mentir a Deus! Oh! como este mundo é horrivel... Como elle devia soffrer, assistindo ao funeral das nossas esperanças... Então? Eugenia...—disse voltando-se á irman surprehendida de seu silencio—Não me respondes? Falla, falla. Que é feito d'elle? Que te disse Raphael? Não te atemorise a idea de peccar aos olhos do Senhor dando noticias d'homem estranho a uma mulher cazada. Quando os amores da terra são tão puros como o nosso, pode-se chegar sem susto aos pés do Altissimo... Mas, que tens tu, Eugenia? Choras? Que quer dizer essas lagrimas? Salvador!—bradou juntando as mãos na maior angustia—Não me occultes a verdade; não, diz-me tudo; esta incerteza mata-me. Vive?

—Elle vive?

— Com a morte á cabeceira—respondeu a outra cedendo a um impulso irreflectido.

— Mãe de Deus! Soccorrei-o.

Foram as unicas palavras que os labios cerrados da infeliz puderam articular.

Momentos depois, as duas senhoras procuradas por sua mãe ja inquieta, tiveram de voltar á sala. Notando a alteração do rosto das duas irmans, o visconde, que soubera do estado de Salvador, desconfiou do que se tinha passado, e ficou pensativo e carrancudo.

(Continúa.)

DEPOIS DO BAILE

(FRAGMENTO)

I

Recorta-se em caprichos phantasiosos na tela do horizonte, á luz da aurora, o perfil de Lisboa adormecida.

Cheguei do baile agora; mas inda a minha mente embevecida ouve a fogosa orchestra; corre, espraia-se, na acceza, na saudosa immensidade do baile que passou.

Longe da turba, das estridentes rumorosas salas, longe d'aquelle cahos delicioso das quadrilhas, das valsas arquejantes, longe de ti, minha visão celeste, eccôa o baile em mim; todo o meu peito vibra; uma saudade, um goso,

palpita em cada fibra;
festivo, luminoso
restruge na minh'alma
um temporal de amor, que nada acalma!

Baile! não era baile; era um delirio;
um turbilhão de dança e melodia;
um eden perfumado e inebriante;
um ceo de luz, de amor, e de harmonia!

Lá te vi, toda mimo e toda graça,
entre as mil que eu não via.
Junto ao longo tremó, qual pensativa
melancolica estatua da saudade,
presente inda a memoria te figura.

Oh! mas não toque a Muza
n'essa viva escultura;
o encanto d'ella, a forma peregrina,
o garbo divinal,
sim; tudo isso em si mesma acolha-o, pense-o,
e o que a lyra não diz.... diga o silencio.

Vi-te; e logo os teus olhos faiscando
na minha phantazia,
mostraram-me á sua luz um mundo novo,
desconhecido mundo,
floreo jardim, balsamico e profundo.

Era um vasto jardim, que illuminava a lua;
na calada da noite ouvi-te suspirar,
cheguei, fugiste; e ao longe a vaga sombra tua
sumiu-se nos rosaes, nem mais te ouvi passar.

Buscava-te entre as arvores,
e não te achava;
chamava-te entre supplicas,
mas tudo em vão.

A cada passo, atonito
ver-te julgava,
e bemdizia férvido
cada illusão.

E no meu desconsolo eu perguntava ás rosas:
«Sumiu-se a vossa irmã? dizei-m'o vós, formosas!»
E era sonho, e illusão; perdeu-se a imagem tua
do meu vasto jardim, que illuminava a lua.

II

Mas passa a noite, e esgota-se entre a festa.
Da pallida alvorada
já pela alta vidraça, gottejada
de orvalhos cristallinos,
resvalam sobre a dança ardente, infrene,
os primeiros alvares matutinos.

Reina o delirio, a confusão nas sallas.
Pelo chão.... rosas; deserção nos grupos;
desfloridas as galas;
nos rostos abatidos
a descorada insomnia; e já nas almas
a languidez dos candelabros ermos.
Nem se sabe se as luzes
infiltram sobre a turba um somno languido,
se a deserção da turba o inspira aos lustres.

Nos desvãos e nos tectos
começam trevas a aninhar-se; é a hora;
alevanta-se a festa.

III

Mais um momento, e finda e esquece o baile.
Pelos ermos salões, sem sons, sem vida,
alastra-se o silencio.
Os espelhos radiantes inda agora,
só reflectem penumbra.
Da confusão, do estrepito, dos risos...
resta um salão cego e infecundo. Oh! baile!....

IV

Nunca viste, ó meus amores,
quando sobre a varzea amena
surge, placida e serena,
ao cair da tarde, a lua?
Pois assim cresceu nest'alma,
ao findar do baile, a candida,
a graciosa imagem tua.

Como a lua, ergueu-se, alou-se,
luminosa, diamantina,
e aclarou co'a luz divina
todo um mundo de illuzões;
todo um mundo de desejos,
todo o mundo do phantastico,
que enamora os corações.

Amo; e sinto já nas veias
o calor da juventude;
já sussurra o meu laúde
qual sensível harpa eolia,
quando a beija a briza ardente,
que perfuma o golfo a Napoles
de jasmíns, loiro, e magnolia.

Amo! e creio-me ir subindo
pelo templo da Memoria;
vasta auréola de gloria
por mim mesmo á frente impuz.
Já sou vate, e ao pé dos vates
lá campeia a minha estatua,
que illumina a tua luz.

Oh! mas longe a incerta imagem
de um tal sonho fugitivo!
Por ti sei *que prezo vivo*
e os grilhões aperto e beijo.
Ouve, escuta a minha prece,
e a teus pés as minhas supplicas
vão nas azas do desejo.

Cada noite muda, absorta,
ante a abóbada profunda,
que estrellada nos inunda
n'um lethargo bemfeitor,
—«Foi por mim — dirás — que o vate
«accendeu seu estro subito
«n'um volcão de ignoto amor.»

Foi por ti. Graças! mil graças!
Vês? á esplendida cidade
já do sol a claridade
trouxe a festa, a gala, o dia.
A ti, que és um sol e um nune,

a ti, que és o sentimento,
a ti, que és a melodia,

a ti, que és minha Muza e minha inspiração,
a ti, que és uma estrophe, a ti, que és um poema
da lyra omnipotente, em que a Divina Mão
compõe, mudula, anima, a poezia suprema,

bastou, para acordar todo o meu estro,
chegar-te a mim, chamar-me; ouvi-te, e ergui-me;
como á voz do Senhor se ergueu de um tunulo
um Lazaro sublime.

Fevereiro de 1861

JULIO DE CASTILHO

~~~~~  
ECHOS DO PORTO  
—

Os diversos generos de galhofa, em que, pelo en-  
trudo, se vae successivamente alambazando a alegria d'este  
povo constituem uma face importante da historia d'elle.

Antigamente as grandes comezanas eram a parte  
principal d'esta festa, o alguidar d'arroz do forno a taça  
em que se retouçavam e trebelhavam os honestos jubilos  
da familia, e a orelheira com feijão branco a base solida  
sobre que descansava o edificio do contentamento do-  
mestico.

A alegria de nossos avós era uma alegria redonda,  
vermelha, barriguda, grave, que não ficaria mal no doai-  
ro de um conego, de um senador municipal ou de um  
aspirante a deputado serio, d'estes que não dizem nada  
mas que hão de salvar a patria bamboando o malhão da  
cabeça entre os colleirinhos tesos e dando torcegões ao  
nariz trombudo com o lenço tabaqueiro.

Esta alegria, zoupeira e trambolhuda, depois de  
enchourçada com feijão e marufo, não sabia ordinaria-  
mente de casa senão para ir jogar o pannelo para o quin-  
tal. Era ahi que o gentio d'esse tempo, de mascara atada  
nas orelhas ou de carão encarvoado, entrava a pinchar e  
a bufar um para o outro em signal de que iam começar  
as arrelias e os coices de que constava a brincadeira: Os  
pós pela cabeça abaixo, o rabo-leva na saia ou na casa-  
ca, o breu nas cadeiras, o pó das comichões pelo espi-  
nhaço, a estopa mettida nas filhozes e os ovos de cheiro  
espapaçados na cara. De roda com tudo isto muito guin-  
cho, muito zurro, canelão para aqui, cartolada para aco-  
lá, pulo para este canto, trambolhão para aquell'outro,  
murro no que está na frente, coice no que vem por traz,  
tumba! catatumba! e livre-se quem poder, que a brinca-  
deira começou!

Salta d'acólá um, vestido de preto, com uma bexiga  
amarrada a um pau, fazendo estostrar a bexiga, e de  
quando em quando o pau, nos lombos e nos testos da as-  
sembleia. Foge este com a cadeira pegada nas calças,  
aquelle aos saltos porque tem as pernas presas com um  
barbante, um com um regador atado a um pé, dois en-  
cambulhados porque os coseram um ao outro, e uma se-  
nhora idosa dando muitos gritos porque lhe prenderam a

um artelho um cãozarrão, que, deshabitudo de andar á trela, lhe aperta a fuga mordendo-lhe nos calcanhares e nas barrigas das pernas.

Dentro d'alguns minutos debanda tudo, ficando apenas no quintal um homem vestido de boi, o qual não vendo pelas fendas da mascara, continua a mugir como pede o character que representa, escarvando com os pés nas cimenteiras e dando marradas na figueira, que elle pelo feitio imagina ser a sogra.

Vão todos então de sucia pensar as contusões e as arranhaduras que tem o corpo. Algumas queixas apparecem—valha a verdade—principalmente por parte do boi, que traz a testa como um bolo, e da senhora idosa, a qual deixou as ligas e os sapatos de duraque entre os dentes do cão que lhe ajouaram á perna. Mas o da be-xiga atada ao pau sana todas as lamentações exclamando triumphantemente:

—Quer não, divertimo-nos muito!

E ninguem lhe retruque, porque todos estão com medo de que elle ainda queira divertir-se mais.

Os pacatos burguezes, que assim celebravam o entrudo sem vergonhas do mundo nem malquerenças da vizinhança, produziram uma geração de rapazes que fizeram grandes extravagancias e deram acerbos desgostos ás familias. Foram estes os que inauguraram uma nova epoca para o Carnaval portuense, o qual, durante annos hobreou em esplendor e animação com os mais afamados na Europa. Ainda vivem na memoria dos que o viram as famosas cavalhadas d'esse tempo, as carroagens apinhadas de mascaras distribuindo ramalhetes e pastilhas, em todas as janelas tantas senhoras quantas lá cabiam, as principaes ruas atulhadas de uma compacta multidão de gente a maior parte d'ella mascarada, centenares de *soirées* onde se dansava até o dia seguinte, e longas caudas de concorrentes esperando o momento de entrar ás portas de todas as casas onde havia bailes. Em todo este movimento havia uma alegria desusada, uma gargalhada permanente e um bom humor inalteravel, que parece haver desaparecido para sempre com os rapazes que então o faziam estalar e espumar em jorros como o champagne nos copos erguidos em ceia de *pierrots* e de *pierrettes* na *Maison Dorée*, em Paris, depois do baile da opera, ás cinco horas da madrugada.

Hoje em dia dizem que está isto melhor. Não ha quem tome um disfarce cujo aluguel custe mais de cinco tostões, nem quem ceie muito mais do que uma costeleta e um copo de vinho, á excepção d'uns, mais rasoaveis ainda, os quaes não tomam disfarce algum e ceiam cha com leite e pão com manteiga.

Actualmente não ha bailes particulares, e os bailes publicos constam dos seguintes elementos:

Quatro rascões vestidas de vivandeiras; algumas *pierretes* desbotadas e tristes andando de esguelha, mettendo os bicos dos pés para dentro e trazendo a mascara, de folho até o peito, atada por cima do pucho desemonelhado, com um nagalho encardido e sujo; varias marrafonas em trajés pastoris ou de mera fantasia com os respectivos accesso-

rios grandemente característicos de umas botifarras de ta-cões cambados, umas luvas gordurentas, e a competente corôa de boninas de papel agadanhadas nos resquícios das bocetas de murcellas d'Arouca.

Em quanto a homens: uns arganazes vestidos de dominó e braços cruzados no peito na postura presumpçosa de metterem medo á gente; uns *gregos*, uns *tyrolezes* e uns *henriques quartos* mazorros e chambões como artificios d'obra grossa, para quem a enxó é um instrumento assaz delicado para arredondar com elle as unhas ou encurtar os bicos a uma penna de cursivo; os *lavradores* que passam um dia inteiro, de corpo empinado para traz, braços abertos e cajado ás costas, gritando desabridamente «ora puois! ora puois!» Se acrescentarmos a isto o *general*, de chapéu armado por cima de um lenço atado na cabeça, o *preto* de camisola encarnada e o infalivel *estudante de Coimbra*, teremos o retrato completo dos bailes do carnaval portuense n'estes ultimos tempos.

Todos os mascarados que não pertencem ao numero dos referidos occupam o fundo do quadro e não influem na principal acção d'elle. O que nem por excepção se encontra é o sapato de setim e a meia de seda, por onde principiam sempre a sua *toilette* as mulheres que frequentam as festas d'esta ordem fora dos muros da cidade do Porto.

Para que seja profundamente exacta esta chronica do carnaval portuense, cumpre ainda referir que no ultimo dia d'entrudo esteve animadissimo de senhoras o theatro de S. João. O aspecto dos camarotes de primeira e segunda ordem, onde quasi todas as senhoras estavam de cabello empoado, deixavam-nos suppôr em plena regencia. As mais bonitas duquezas do tempo de Luiz XV não podiam ser mais bonitas do que algumas senhoras que alli estavam. Na sala andavam de dominó algumas mulheres de espirito—*rara avis in terra!*

Dos bailes particulares não ha que fazer chronica porque os não houve. As unicas casas onde se dansou *en partie intime* foram as das exc.<sup>mas</sup> senhoras D. Clara de Sousa e D. Laura Cardoso.

Os unicos bailes do corrente inverno no Porto devem-se á colonia ingleza. Salve Deus esse povo triste que assim nos ensina a ser alegres! *Good save the Queen!*

RAMALHO ORTIÇÃO.

## NOTICIA

### dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal

#### II

Infade-se o leitor, que tem rasão. Estas especies historicas são más de esmoer em estomagos deliciosos; mas affaça-se a esgaravatar n'este lixo onde aqui e alli se to-pam os biscatos de pinchebeque com que se enfeitava a hypocrisia do seculo passado. A historia de então é isto, e pouco mais.

Digamos d'outros galopins illustres, sem desfazer em ninguém.

Os frades bentos do Minho capricharam sempre em eleger geraes, prelazias e o restante governo da Congregação entre monges filhos d'aquella provincia. Pelo commum, os dons abbades eram quase todos oriundos de Arrifana de Sousa, chamada depois Penafiel, ou alternadamente de Braga. Governo que viesse do sul era desobedecido e mortificado até mais não poder. Ao findar o triennio os galopins reuniam-se em Tibaens, congregavam-se em consistorio e gisavam a traça eleitoral. Se a lei implicava ao traçado, violencia no caso. Frade ou eleitor adverso, mudavam-no de mosteiro, ou prendiam-no no tronco. Se a opposição era rija, a situação armava-se no claustro, e o terreiro da portaria coalhava-se de soldados armados, que afugentavam os interventores, como vimos na reeleição de D. fr. Antão de Faria.

Tenho presente um officio autographo de Pedro da Motta e Silva ao presidente da meza eleitoral de Tibaens, em 4 d'abril de 1734.

E' el-rei queixando-se de que os frades tumultuosos teimem pervicazmente em querer eleger abbades de Arrifana de Sousa com notoria affronta da virtude e lettras d'outros monges nascidos fora da restricta area minhota.

Baldaram-se as admoestações e ameaças do ministro.

No começo do seguinte triennio, o mesmo secretario de estado, officinando ao presidente do concilio geral, lanceta a soberba aposthemada dos beneditinos, enviando ao dom abbade geral uma acre censura de Clemente XII, e, peor que a censura, a restricta eleição de geral da ordem, já feita em Roma, e a concedida faculdade ao eleito de eleger as prelazias subalternas á sua descripção.

Agora é que ellas foram!

Os frades conjuraram tão sanhudos contra o papa e contra o rei que já no seguinte triennio de 1737 o suffragio eleitoral correu por conta d'elles. Quem lucrou na rebeldia foi o galopim por excellencia, fr. Sebastião de S. Placido, abbade do mosteiro de Coimbra, desde muito inimistado com os frades minhotos, bem que nascido na Pova de Lanhoso, rasão de o andarem sempre os galopins do norte a sacudir das prelazias nos seus conventos. (\*)

Fez-se eleger dom abbade geral de S. Bento fr. Sebastião. E, no intento de achar porvindouros impecilhos á seguinte eleição, arguiu de relaxados os frades, e enviou queixas ao nuncio. Os monges do Minho sahiram

(\*) Este fr. Sebastião de S. Placido escreveu, e publicou em Barcelona, em 1738, um curioso livro intitulado «Manifesto e apologia sobre a reforma dos habitos do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra». E' livro de 330 paginas para mostrar que as freiras deviam usar habito pardo cor de cinza, e não, a bel-praser das religiosas, droguete panno, droguete fileli, estamenna, burel, soria, perpetuana, serafina, duqueza, picote, calamania, saéta, droga, meia droga, etc. Notem a variada nomenclatura dos estofos do seculo passado, e cessem de admirar a de hoje em dia. A terminologia do fausto, ou luxo como se diz á moderna, até na clausura se demasiava.

então com um libello contra o seu geral. O nuncio recebeu a copia do rascunho que pára entre os papeis dos meus manuscritos, joias que os meus bisnetos hão de restituir aos frades, quando elles voltarem a pôr hombro á cruz da sancta religião de Christo derrubada sobre os ossos de fr. Sebastião de S. Placido.

Contra o qual articulavam os frades:

1.<sup>o</sup> Que era usurario; porque comprára um hiate e uma falua com os quaes mandava ao Alem-tejo comprar trigo, que vendia á porta do convento de Lisboa por alto preço. 2.<sup>o</sup> que mandava comprar ao mesmo Alem-tejo varas de porcos a milhares, que entravam sem pagar direitos, ou se vendiam no certão. 3.<sup>o</sup> que mandára fabricar pratos pequenos para se perceber menos a minguada refeição conventual, e apoucara a medida do vinho. 4.<sup>o</sup> que vendia o bom trigo que o mosteiro colhia nas suas herdades do Alcacer do Sal, e comprava do infimo para a comunidade; a par e passo que elle geral usava do melhor pão de Lisboa e de especial padeira. 5.<sup>o</sup> que empenhára o mosteiro em 26\$500 crusados, afora 400\$ re s que encontrou em dinheiro do espolio de certo frade. 6.<sup>o</sup> que, para não comprar lenha, esmoitava os olivedos contiguos ao mosteiro, com prejuizo grave das rendas conventuaes. 7.<sup>o</sup> que subornára e prevertera trez definidores, e se desfizera de dois contrarios á sua reeleição. 8.<sup>o</sup> que, sem embargo das nullidades eleitoraes, teimava em desprezar os protestos, e se proclamara legalmente geral. 9.<sup>o</sup> que elegera frades estupidos para governarem os mosteiros. 10.<sup>o</sup> que tomára a juro de 6 % com mil cruzados d'um irmão forçando a congregação a pagar 6, tendo quanto quizesse dinheiro a 3. 11.<sup>o</sup> que fizera encarcerar frades sem culpa formada, e so depois de trez mezes lhes enviava nota da culpa, arguindo-os de tumultuarios em actos de suffragio eleitoral, etc.

O nuncio não respondeu á representação. E o geral vingou ainda ser reeleito no seguinte triennio.

Vejam que nuncio! que religião beneditina! A unção evangelica de tudo isto!

Se á mão sacrilega do snr. Joaquim Antonio d'Aguiar, que lavrou e assignou o decreto da extincção dos frades, chegar este papel, que fistulas d'alma lhe não hade abrir o remorso! (Continua.)

#### EXPEDIENTE

*Desarranjos typographicos fizeram com que não podessemos dar tanto o n.º 7 como este no seu dia devido, pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes.*

*Resolvemos a pedido de muitos srs. dar em vez de 10 paginas todos os numeros—ora 8 ora 12, pelo desarranjo que causava a folha solta, como ate ao 6.º numero sahiu, razão por que agora só damos 8 paginas.*

*As grandes despesas que esta publicação tem, não nos permite por mais tempo, estarmos desembolsados da importancia da assignatura, e por isso prevenimos a todos os srs. assignantes das provincias, que se acham em debito á Gazeta que não enviaremos mais o jornal em quanto não satisfizerem a importancia do 1.º trimestre.*